

## Folha De S. Paulo e o trabalho de manipulação discursiva sobre a Venezuela<sup>1</sup>

Felipe Scarambone Vital<sup>2</sup>

Fabício Carareto Barciela Marques<sup>3</sup>

Centro Universitário de Rio Preto, São José do Rio Preto, SP

### Resumo:

Em meio à turbulenta enchente de informações que absorvemos ao longo do dia, seja nos jornais impressos, nas rádios, nos programas de televisão ou pela internet, a atual crise vivida na Venezuela destaca-se por seu caráter, aparentemente, desumano. Contrariando a postura assumida ao longo das décadas, de tentar colocar-se de maneira isenta e isonômica diante das disputas políticas, o jornal Folha de S. Paulo passou a referir-se ao presidente venezuelano, Nicolás Maduro, como ditador. Mas será que o país vive, de fato, uma ditadura? Este artigo tem como intuito apresentar o viés ideológico e político presente na cobertura do periódico de maior circulação no Brasil, além de evidenciar a análise pela perspectiva da comunicação.

**Palavras-chave:** Venezuela; ditadura; democracia; Folha de S. Paulo; manipulação

### Introdução

Analisando a cobertura feita pelo jornal Folha de S. Paulo sobre a política da Venezuela, busca-se evidenciar as ideologias nesse discurso, em especial no que se refere ao uso de conceitos de ditadura e democracia para se referir ao governo daquele país.

Para tanto, será utilizado, neste estudo, o conceito de ideologia descrito por John B. Thompson<sup>4</sup> em seu livro *Ideologia e Cultura Moderna*. Para o autor, o termo não tem necessariamente a ver com conhecimentos falsos ou errôneos, mas sim com construções simbólicas que engendram relações de dominação e poder. Conforme frisa o sociólogo:

O que nos interessa aqui não é, principalmente, nem inicialmente, a verdade das formas simbólicas; antes, interessam-nos as maneiras como essas formas servem, em circunstâncias particulares, para estabelecer e sustentar relações de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Estudante de graduação do 7º período do curso de Jornalismo da UNIRP, e-mail: [felipe\\_vital@outlook.com.br](mailto:felipe_vital@outlook.com.br).

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor da UNIRP, e-mail: [carareto@hotmail.com](mailto:carareto@hotmail.com).

<sup>4</sup> John Brookshire Thompson (Estados Unidos, 1951) é um sociólogo e professor da Universidade de Cambridge. Seu principal objeto de estudo é a clara influência da mídia e da ideologia na formação das sociedades modernas.

---

dominação; e não é absolutamente o caso de que essas formas servem para estabelecer e sustentar relações de dominação somente devido ao fato de serem errôneas, ilusórias ou falsas. (THOMPSON, 1995, p.76).

Antes de seguir com o pensamento do objeto acima descrito, faz-se necessário apresentar os conceitos de democracia e ditadura que serão utilizados no presente artigo.

### **Sobre democracia**

A palavra, a qual tem origem grega, vem da fusão de “demos”, que significa “povo”, e “kratos”, que leva o sentido literal de “poder”.

Em uma democracia, segundo a definição do cientista político Robert Dahl<sup>5</sup>, os cidadãos são os totais detentores de plenas oportunidades para formular preferências, de expressar (seja de maneira individual ou coletiva) a outros e aos governos suas predileções, além de ter escolhas igualmente consideradas na conduta da governança. Assim sendo, para que haja democracia em sua mais plena forma, se apresenta a necessidade de não haver quaisquer discriminações do conteúdo. Também conforme Dahl, é possível notar algumas semelhanças que possuem caráter determinante em governos democráticos, como: liberdade de formar e aderir a organizações; liberdade de expressão; direito ao voto; elegibilidade para cargos políticos; direito de líderes conquistarem apoio e votos; garantia de acesso a fontes alternativas de informação; eleições livres e, por fim, instituições livres.

Tais características descritas acima costumam ser observadas, em sua maioria, nas chamadas democracias modernas, modo de governo que se consolidou a partir do século XVIII, com a Independência dos Estados Unidos, em 1776, e a Revolução Francesa, em 1789. Na Antiguidade, os gregos já haviam adotado um modelo denominado democracia, mas que funcionava de maneira participativa e na qual apenas os homens proprietários de terra podiam exercer a cidadania.

As revoluções burguesas ocorridas a partir do século XVIII derrubaram o chamado antigo regime, que predominou na Europa ao longo da Idade Moderna (1453-1789). Nesse último ano, na França, as classes sociais eram divididas em três estados: clero, nobreza, e todas as demais. Desse modo, 97% da população pagava impostos e trabalhava, havendo, em contrapartida, 3% que não realizava nenhuma das duas tarefas.

---

<sup>5</sup> Escritor do livro “Poliarquia – Participação de Oposição”, em que define sua visão de democracia, Robert Alan Dahl (Estados Unidos, 1915-2014) foi formado pela Universidade de Washington, sendo, em seguida, doutor em ciência política pela Universidade Yale.

---

Esses poucos, pertencentes ao clero e à nobreza, detinham quase toda a riqueza e viviam cotidianos luxuosos e pomposos, e os que pagavam impostos e trabalhavam, comumente se viam lutando de forma árdua contra a miséria.

Com a economia em ruínas por conta da péssima gestão de Luís XVI<sup>6</sup> (o valor do pão, item indispensável no cardápio de um francês na época, chegava a custar um mês de salário) e a população sofrendo com o inverno mais rigoroso que a França tivera em 90 anos<sup>7</sup>, tumultos ocasionados pela fome e seca tornaram-se inevitáveis. Como consequência direta, casas e padarias eram roubadas, e lojistas acusados de esconder pão, linchados. Em meio à crise fiscal, o Ministro das Finanças fez com que Luís evocasse uma reunião dos representantes do reino: os Estados Gerais.

Robespierre<sup>8</sup> (que viria a se tornar um dos nomes mais importantes da Revolução), participando como deputado para representar o povo do terceiro estado, exigiu que a nobreza e clero pagassem impostos, mas o rei, sentindo-se ameaçado pelo crescente radicalismo populacional, silenciou os deputados, ocasionando em um complô. Foi então que, em uma quadra de tênis, os mesmo se reuniram e declararam-se como a nova Assembleia Nacional, um parlamento cumpridor da vontade do popular.

Os conflitos acirraram-se até que, em 14 de julho de 1789, o povo invadiu a antiga prisão da Bastilha, símbolo da opressão absolutista e que, na época, abrigava o arsenal de Paris. De posse de 28 mil mosquetes e de pólvora, os revoltosos conseguiram, após sangrentos combates, sobrepujar as tropas leais ao monarca entre lutas das massas contra as tropas reais de soldados. Luís XVI foi, por fim, guilhotinado na Praça da Concórdia. O povo enfim vencera.

Com a queda do soberano, um novo governo foi implantado. Todos os homens, não mais importando sua classe social, poderiam votar (mulheres ainda não detinham tal “regalia”. Essa conquista só será alcançada cem anos depois, em 1893, com a Nova Zelândia sendo o primeiro país a reconhecer o direito das mulheres ao voto, as incluindo de forma representativa no campo da democracia).

---

<sup>6</sup> Luís XVI (França, 1754 – 1793) era filho e herdeiro de Luís XV. Assumiu o trono real em 1774, com apenas 19 anos de idade.

<sup>7</sup> Informação retirada de um documentário do canal History Channel a respeito da Revolução Francesa.

<sup>8</sup> Maximilien François Marie Isidore de Robespierre (França, 1758 – 1794) foi uma das principais figuras que encabeçaram a Revolução Francesa. Advogado e político, era conhecido pelo apelido “O Incorrupível”.

---

## Sobre ditadura

Trata-se de um sistema de governo que, de forma geral, não respeita as liberdades individuais. Em uma ditadura, há a suspensão das eleições e do estado de direito, com medidas que tendem a controlar a liberdade individual, repreender a livre expressão, censurar a imprensa e, ainda, demonstrar ausência de regras transparentes em relação ao processo de sucessão governamental.

Num regime tido como ditatorial, todos os poderes do Estado estão concentrados em um indivíduo, um grupo ou um partido (aqui, é possível recordar da Alemanha nazista, de Hitler<sup>9</sup>). O ditador não admite oposição a seus atos e ideias, tendo, à vista disso, majoritária parte do poder de decisão. É válido dizer, sem restrições, que se trata de uma gestão antidemocrática na qual não existe a participação da população. O poder, havendo essa concentração nas mãos de poucos, garante escassa ou nenhuma abertura para o debate político.

Os espaços atribuídos à comunicação e deliberação costumam, também, ser fortemente regulados ou suprimidos pelos ditadores. Nesse cenário, se inclui a imprensa, os poderes legislativo e judiciário (que perdem a independência prevista na clássica divisão de poderes proposta por Montesquieu<sup>10</sup>), e os partidos políticos, que muitas vezes são proibidos de existir. Dessa forma, havendo a calada das vozes da oposição, as ditaduras forçam consensos e impõem suas políticas sem formas efetivas de consulta à sociedade.

## O histórico opressor contra a América Latina

É plausível assumir que a história da América Latina é marcada por sangrentas ditaduras, iniciadas no período colonial e reforçadas por inúmeros golpes de Estado ocorridos em praticamente todos os países, desde que estes se tornaram independentes.

---

<sup>9</sup> Adolf Hitler (Império Austro-Húngaro, 1889 – 1945) é, talvez, a maior figura que toma nossa mente quando pensamos em ditaduras. Durante seu regime nazista, judeus e minorias eram perseguidos e presos em campos de concentração.

<sup>10</sup> Charles-Louis de Secondat (Reino da França, 1689 – 1755), conhecido apenas como Montesquieu, foi um grande filósofo e político. Tornou-se conhecido por sua teoria da separação dos poderes.

---

Um exemplo clássico é o ocorrido em 11 de setembro de 1973, em que o Chile, até então governado por Allende<sup>11</sup>, viu jatos militares mergulharem e dispararem bombas contra o palácio presidencial. Em sua sala, só e se rendendo à potência das forças armadas lideradas por Pinochet<sup>12</sup>, o presidente socialista suicidou-se com um tiro de fuzil no rosto. Instalava-se, a partir daquele momento, a ditadura chilena.

Em meio à conjuntura da Guerra Fria, grande parte das revoltas foi marcada pela pressão a fim de garantir acesso às riquezas minerais (Allende havia acabado de nacionalizar a produção de cobre), e pelo perigo de uma suposta ameaça comunista que assombrava os países latino-americanos. O medo tão grande que vinha do comunismo era manifestado pelas elites, que de forma alguma arriscaria perder seus privilégios.

Outro fator que exige atenção ao averiguar as causas que levaram às investidas ditatoriais na América Latina é a religião. Com o comunismo da União Soviética sendo ateu, se tinha a ideia de que o movimento iria perseguir os católicos, e, ao fazer uso desse “bode-expiatório”, eram capazes de conquistar as classes média e baixa para que também aderissem ao golpe militar (pautas como a reforma agrária e distribuição de renda interessavam ao pobre, por isso a necessidade de se utilizar a religião). A comprovação dessa artimanha religiosa utilizada pode ser vista aqui mesmo, no Brasil, através da série de manifestações Marcha da Família com Deus pela Liberdade<sup>13</sup>, expressões públicas e gigantescas entre março e junho de 1964, pedindo para que os militares assumissem.

Apesar das peculiaridades de cada país naquele período, dois pontos coincidentes podiam ser observados nos golpes ocorridos na América Latina a partir da década de 1960: a participação dos militares encabeçando tais movimentos, e o apoio majoritário da imprensa.

No livro *Como As Democracias Morrem*<sup>14</sup>, os autores Steven Levitsky e Daniel Ziblatt reforçam a importância desse primeiro setor pontuado:

---

<sup>11</sup> Salvador Allende (Chile, 1908 – 1973), líder de uma coalização de esquerda no país, havia sido eleito presidente em 1970. Após um golpe militar sofrido, tanto seu governo, quanto sua vida, chegaram ao fim.

<sup>12</sup> Augusto Pinochet (Chile, 1915 – 2006) foi um general do exército chileno e líder do impulso que assombrou o país. Estima-se que, durante seu regime, 80 mil pessoas foram presas, e outras 30 mil, torturadas.

<sup>13</sup> Tendo seu primeiro movimento em São Paulo, a Marcha foi considerada uma resposta, por parte do setor militar, dos conservados e da população, ao receio de que uma suposta ameaça comunista tomasse conta do Brasil.

<sup>14</sup> Livro lançado, no Brasil, pela editora Zahar. Em sua totalidade, conta com 272 páginas.

---

É assim que tendemos a pensar na morte de democracias: nas mãos de homens armados. Durante a Guerra Fria, golpes de Estado foram responsáveis por quase três em cada quatro colapsos democráticos (...). Em todos esses casos, a democracia se desfez de maneira espetacular, através do poder e da coerção militares. (LEVITSKY, 2018, p.15).

É, também, de grande interesse, ressaltar o apoio escancarado da mídia nos processos que quebravam as democracias. Em especial, devemos citar o suporte oferecido pelo grupo Folha ao período ditatorial brasileiro.

### **A Folha e a ditadura militar brasileira**

Foi sob o comando dos empresários Octavio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho (que compraram a empresa Folha da Manhã em 1962) que significativas mudanças viriam a ocorrer no noticiário.

No ano de 1964, a Folha demonstrou apoio explícito<sup>15</sup> à ditadura militar brasileira, mas não apenas ela. Quase todos os impressos e emissoras de rádio e TV, na época, também seguiram por esse caminho. O jornal Último Hora (que, inclusive, acabou sendo vendido aos sócios Frias e Caldeira) foi um dos únicos a se posicionar contra, mas apenas dois destinos poderiam aguardar quem optasse por ser oposição: o fechamento absoluto, ou a asfixia financeira.

Nesse período, a Folha da Manhã estava longe de ser o jornal que é hoje. Os carros chefe do grupo eram o Notícias Populares, que abusava das manchetes violentas e propagações de absurdos, bem como notícias falsas (como o célebre “bebê diabo do ABC”), e a Folha da Tarde. É nesse último que a assistência e influência atingem níveis que vão além dos aceitáveis por quaisquer veículos de comunicação: a Folha da Tarde empregava agentes do DOPS pra trabalhar como jornalistas, ganhando, inclusive, o apelido de “jornal de maior tiragem”, por conter um grande número de “tiras” trabalhando em sua redação. A influência chegava a tanto, que carros responsáveis por entregar o jornal eram cedidos para carregar presos do DOI-CODI.

Em uma entrevista concedida à revista Fórum, Beatriz Kushnir, autora do livro Cães de Guarda – Jornalistas e Censores, do AI-5 à Constituição, comprova o envolvimento direto do grupo:

---

<sup>15</sup> Posição de apoio confirmada, justificada e divulgada por meio de um editorial no dia 30 de março de 2014.

---

A maior parte da redação era de policiais. Relatos dizem que o próprio Antônio Aggio ia com uma carabina para a redação. A Folha da Tarde imprimia o relato oficial da tortura. Quando as pessoas eram mortas nas casas de tortura, saía uma nota oficial, informando que a morte tinha sido em decorrência de um tiroteio na rua ou de um atropelamento na fuga da polícia. O jornal noticiava a versão oficial como sendo verdadeira. Por exemplo, se você procurar na Folha da Tarde, a missa de sétimo dia do Herzog, não vai encontrar. (KUSHNIR, 2018).

Essa colaboração com o regime não impediu o Grupo Folha de tomar atitudes, por assim dizer, ousadas. Em 1963, ocorre a tão marcante contratação do jornalista Cláudio Abramo<sup>16</sup> (que já tinha tido uma significativa passagem no Estadão, quando esse era o maior jornal do Brasil). Ele, então, começa a montar o Projeto Folha, criando uma linha editorial mais consistente, padronizando a ideia das pautas, criando um projeto gráfico novo e, em meio a outras significativas mudanças, a arejar as ideias na redação.

No tempo em que Maluf era Governador, algumas cidades do Brasil ainda exerciam a política de nomeações para o cargo de prefeito, como Santos, por exemplo, por ser considerada área de segurança nacional (por conta de seu porto). Quando Caldeira, indicado, partiu para esse campo (sendo o prefeito de Santos de 1979 a 1980), ele e Octavio romperam a sociedade, fazendo com que a Folha ficasse apenas com os Frias.

Sob comando exclusivo da família e com a consolidação total do Projeto Folha já estabilizada há anos, a leitura do desejo do povo brasileiro por mudanças no regime ditatorial leva a uma pequena reunião, em 1983, na sala do *publisher* do jornal, entre os três principais dirigentes (Octavio Frias de Oliveira, Otavio Frias Filho e Boris Casoy) do periódico.

Com uma luz vermelha da sala ligada, indicando que a reunião não fosse interrompida de forma alguma, Frias Filho expôs a ideia que cogitava havia algumas semanas<sup>17</sup>: a Folha deveria empreender uma campanha pelas eleições diretas para presidente da República.

---

<sup>16</sup> Cláudio Abramo (Brasil, 1923 – 1987) foi, entre diversas conquistas, o mais jovem jornalista a assumir o cargo de secretário de redação no jornal O Estado de S. Paulo. É detentor do título, também, de criador do tão aclamado Projeto Folha.

<sup>17</sup> Informação retirada da reportagem denominada “Apoio a diretas amplia peso político do jornal”, do próprio site da Folha de S. Paulo.

---

Mais uma vez com o grupo provando sua importância midiática, o movimento Diretas Já<sup>18</sup>, que organizou uma série de manifestações populares por todo o país de 1983 a 1984, foi realizado. Apesar da derrota da emenda das Diretas em 25 de abril de 84, a oposição ao regime lançou a candidatura de Tancredo Neves (então Governador de Minas Gerais) contra Paulo Maluf no colégio eleitoral, que era formado por deputados federais e representantes das Assembleias Legislativas dos Estados.

O povo não pôde votar, se fazendo tratar de uma eleição indireta, mas quando o resultado saiu, pôde comemorar: Tancredo Neves foi eleito presidente com 480 votos, prometendo que aquela seria a última eleição indireta do país. Assim, dá-se fim à ditadura militar brasileira.

### **O tratamento em relação à Venezuela**

Dada a constatação de seu passado apoiador do regime antidemocrático brasileiro, somos trazidos à atualidade para verificar, de forma empírica, o tratamento que o jornal de maior circulação do Brasil dá ao governo do presidente Nicolás Maduro<sup>19</sup>.

Através de análise realizada de 10 de março a 10 de abril de 2019, buscando pela palavra “Nicolás Maduro” na ferramenta de pesquisa do site da Folha de S. Paulo, verifica-se que o jornal segue um padrão definido em seu tratamento ao governo da Venezuela: o chamam, em suas matérias e manchetes, de ditadura (bem como acusam Maduro de ser um ditador). Termos como “o regime do ditador Nicolás Maduro” e “o ditador venezuelano” são empregados de forma nítida.

Porém, à medida que os termos “ditadura” e “democracia” já tenham sido demarcados nesse trabalho, cabem as seguintes perguntas: em uma ditadura, há a existência do voto popular? Há a possibilidade de existência legal da oposição?

Em 20 de maio de 2018, através de uma eleição em que os venezuelanos podiam escolher seu representante, Nicolás Maduro foi reeleito presidente. Apesar da tentativa de boicote dos adversários políticos e abstenção de 54% do eleitorado (índice muito próximo aos 48% que deixaram de votar nas eleições presidenciais dos Estados Unidos,

---

<sup>18</sup> Foi um movimento político de cunho popular que teve, como principal objetivo, a retomada das eleições diretas ao cargo de presidente no Brasil.

<sup>19</sup> Nicolás Maduro Moros (Venezuela, 1962) é o atual presidente da República Bolivariana da Venezuela. Foi eleito ao cargo, pela primeira vez, em 14 de abril de 2013.



em 2016, e menor do que os 57% de ausentes na eleição para o parlamento da União Europeia, em 2014), 5.823.728 votos foram dados ao líder chavista, que venceu com 67,7%, em um processo eleitoral que contou com procedimentos naturalmente considerados democráticos.

Mais do que permitir a validade de uma oposição, Maduro, durante seu discurso de vitória, convidou<sup>20</sup> os três candidatos derrotados (Henri Falcón, Javier Bertucci e Reinaldo Quijada) para que houvesse um diálogo a fim de enfrentarem, juntos, as crises instaladas no país: “Todos os líderes da oposição, que nos reunamos, nos encontremos e falemos da Venezuela, convido-os aqui e assumo a responsabilidade deste chamado”. A mera existência de uma eleição dentro de uma sociedade que está em conflito, chegando às raias de uma Guerra Civil, deve ser valorizada e entendida como uma manifestação da democracia.

Mesmo havendo tais afastamentos do que pode ser considerado uma ditadura, a Folha de S. Paulo determina<sup>21</sup>, por meio de matéria divulgada em 5 de agosto de 2017, que passa a tratar o governo venezuelano como uma. Em seu texto, o jornal defende que o termo se deve à dominação de uma sociedade por meio de um governo autoritário e exercido por uma pessoa (ou grupo). Ao regime de Maduro é atribuído, ainda, a supressão dos poderes do Legislativo, o aparelhamento do Judiciário e a prisão de opositores.

Contudo, evidencia-se que o país é uma exceção aos olhos do grupo. Em relação à Arábia Saudita, por exemplo, o tratamento dado em notícias a Mohammed bin Salman<sup>22</sup> é de “príncipe herdeiro saudita”. Já ao analisarmos a forma de se referir a Xi Jinping<sup>23</sup>, as palavras usadas pelo impresso são “presidente chinês”.

Na nação saudita, o uso da pena de morte é praticamente arbitrário. Os julgamentos ignoram os procedimentos de justiça tradicionais e as sentenças são decididas, muitas vezes, de acordo com o desejo dos executores ou dos mandatários do

---

<sup>20</sup> Informação comprovado em matéria do G1 reportando a reeleição do presidente Nicolás Maduro, intitulada “Maduro vence eleição na Venezuela marcada por denúncias de fraude, boicote da oposição e alta abstenção”.

<sup>21</sup> Informação publicada no dia 5 de agosto de 2017, na seção Mundo, com o título “Folha passa a tratar Venezuela como ditadura”.

<sup>22</sup> Mohammed bin Salman bin Abdulaziz Al Saud (Arábia Saudita – 1985) é o atual príncipe herdeiro da Arábia Saudita. Apesar da pouca idade, já acumulou os cargos de vice-primeiro-ministro, ministro da Defesa, assessor especial do rei e presidente do Conselho de Assuntos Econômicos e Desenvolvimento.

<sup>23</sup> Xi Jinping (China – 1953) assumiu o cargo como Presidente da República Popular da China em 2013, e, no ano de 2018, teve o mandato vitalício aprovado pelo parlamento chinês.

---

país. Elas são, ainda, baseadas em confissões obtidas à base de tortura, maus-tratos ou erros de investigação. Os acusados raramente têm direito à defesa, e suas famílias só são informadas da sentença após a morte<sup>24</sup>. Vale ressaltar, também, que o “sistema de tutela masculina” é uma marca forte no país, e a política é classificada como uma monarquia absoluta (havendo a presença de um rei).

Se não há espaço para as liberdades individuais e a livre expressão é repreendida, então por que bin Salman não ganha a alcunha de ditador? Se, na China, o parlamento aprovou o mandato vitalício do presidente, retirando do povo o direito de escolher seus representantes, por que a Folha não o define como ditadura?

### **Considerações finais**

Analisando seu sistema político e meios eleitorais, verifica-se que a Venezuela, atualmente, não se enquadra como uma ditadura. Por mais que possa haver resquícios de um suposto autoritarismo, a Folha de S. Paulo não pode chamar Nicolás Maduro de ditador.

Utilizando exemplos de países consolidados como ditaduras, percebe-se que o jornal contradiz sua própria premissa, de sempre procurar a imparcialidade. Se não podemos determinar que o país venezuelano vive, de fato, uma política ditatorial, fica evidenciada a manipulação midiática do grupo Folha.

Ao chamar Maduro de ditador, o impresso comandado pela família Frias toma partido da oposição, sem questionar o quanto a postura e as iniciativas daquelas lideranças possuem, também, caráter de viés autoritário (como boicotar as eleições, conchamar protestos violentos ou, até mesmo, Juan Guaidó se declarar presidente, ao arripio da legislação).

Vale destacar que a escolha de posição do grupo, que já foi esclarecida neste artigo, coincide com o recrudescimento das hostilidades dos Estados Unidos à Venezuela, na sequência da eleição de Donald Trump. Ressalte-se, também, que regionalmente o regime de Maduro já caminhava para o isolamento devido à chegada ao poder de políticos conservadores nos principais países da região, onde antes ele colecionava aliados. Nesse contexto, o jornal está, na verdade, dando sustentação a todo o movimento opositor.

---

<sup>24</sup> Alegação realizada em matéria da GloboNews, que leva o título de “‘Que Mundo é Esse?’ visita uma praça palco de execuções na Arábia Saudita”.

---

Essa cobertura, seja ela intencional ou não, possui forte componente ideológico conforme a noção descrita por Thompson, uma vez que ela se insere em um intrincado jogo de disputa pelo poder econômico e político na nação que abriga as maiores reservas de petróleo conhecidas do planeta (produto este, que é a base da economia global). As escolhas discursivas da Folha privilegiam a narrativa de um dos grupos que se digladiam nesse embate, ao mesmo tempo em que deslegitimam toda e qualquer ação dos que atualmente comandam a Venezuela, mostrando-o como um regime ditatorial e de exceção (passível, portanto, de ser eventualmente derrubado, ainda que pela força).

Tais possíveis razões de ordem moral, filosófica ou econômica que determinam essa manipulação ideológica feita pelo periódico podem se tornar objeto de futuros estudos mais aprofundados. Por ora, cumpre a este trabalho evidenciar o modo de como as escolhas discursivas do maior jornal brasileiro inserem-se (e influenciam) no contexto geopolítico atual.

---

## Referências Bibliográficas

Após tomar calote da Venezuela, Brasil deixa convênio para exportação com latinos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 3 abr. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/04/apos-tomar-calote-da-venezuela-brasil-deixa-convenio-para-exportacao-com-latinos.shtml>>. Acesso em: 4 abr. 2019.

ARENDDT, Hannah. **As Origens do Totalitarismo (Edição de Bolso)**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.

BID se torna primeiro organismo financeiro a aceitar indicado de Guaidó. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 16 mar. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/03/bid-se-torna-primeiro-organismo-financeiro-a-aceitar-indicado-de-guaido.shtml>>. Acesso em: 16 mar. 2019.

Bolsonaro terá ‘Santa Ceia’ com direita nos EUA. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 11 mar. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/03/bolsonaro-tera-santa-ceia-com-direita-nos-eua.shtml>>. Acesso em: 11 mar. 2019.

CANCIAN, Renato. Poliarquia – conceituação – Como avaliar um regime democrático? **UOL**. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/poliarquia---conceituacao-como-avaliar-um-regime-democratico.htm>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

DAHL, Robert Alan. **Poliarquia - Participação e Oposição**. São Paulo: Edusp – Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

Em encontro bilateral Bolsonaro e Abdo defendem alianças comerciais e criticam Maduro. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 12 mar. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/03/em-encontro-bilateral-bolsonaro-e-abdo-defendem-aliancas-comerciais-e-criticam-maduro.shtml>>. Acesso em: 13 mar. 2019.

FOLHA JUSTIFICA APOIO AO GOLPE MILITAR DE 64. **Brasil 247**, 30 mar. 2014. Disponível em: <<https://www.brasil247.com/pt/247/midiatech/134949/Folha-justifica-apoio-aogolpe-militar-de-64.htm>>. Acesso em: 22 mar. 2019.

Folha passa a tratar Venezuela como ditadura. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 5 ago. 2017. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/08/1907421-folha-passa-a-tratar-venezuela-como-ditadura.shtml>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

G1. Maduro vence eleição na Venezuela marcada por denúncias de fraude, boicote da oposição e alta abstenção. **G1**, 20 mai. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/maduro-e-reeleito-presidente-da-venezuela-diz-conselho-eleitoral.ghtml>>. Acesso em: 12 abr. 2019.

Governo Trump conta com interlocução militar do Brasil na Venezuela. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 18 mar. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/03/governo-trump-counta-com-interlocucao-militar-do-brasil-na-venezuela.shtml>>. Acesso em: 19 mar. 2019.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as Democracias Morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

Maduro anuncia racionamento de energia por 1 mês e fim do expediente às 14h. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 31 mar. 2019. Disponível em:

---

<<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/03/maduro-anuncia-acionamento-de-energia-1-mes-e-fim-do-expediente-as-14h.shtml>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

Mourão se contrapõe a Bolsonaro em almoço com moderados nos EUA. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 8 abr. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/04/mourao-se-contrapoe-a-bolsonaro-em-almoco-com-moderados-nos-eua.shtml>>. Acesso em: 9 abr. 2019.

No congresso do EUA, Mourão é perguntado se Bolsonaro é realmente um democrata. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 9 abr. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/04/no-congresso-dos-eua-mourao-e-perguntado-se-bolsonaro-e-realmente-um-democrata.shtml>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

O QUE É DEMOCRACIA? – EDUCAÇÃO POLÍTICA. **YouTube**, 16 mai. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qsis1B0rQWs&feature=youtu.be>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

Por que ainda sou chavista: o que pensa uma apoiadora de Maduro. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 10 mar. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/03/crise-na-venezuela-por-que-ainda-sou-chavista-o-que-pensa-uma-apoiadora-de-maduro.shtml>>. Acesso em: 11 mar. 2019.

'Que Mundo é Esse?' visita uma praça palco de execuções na Arábia Saudita. **GloboNews**, São Paulo, mar. 2019. Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/que-mundo-e-esse/videos/v/que-mundo-e-esse-visita-uma-praca-palco-de-execucoes-na-arabia-saudita/7491808/>>. Acesso em: 5 abr. 2019.

RIAD, Em. Quem é Mohammed bin Salman, príncipe da Arábia Saudita e reformador com mão de ferro. **UOL**, 5 nov. 2017. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2017/11/05/mohammed-bin-salman-um-reformador-com-mao-de-ferro.htm>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

Rússia se divide entre seguir com apoio a Maduro ou dialogar com a oposição. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 10 mar. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/03/russia-se-divide-entre-seguir-com-apoio-a-maduro-ou-dialogar-com-a-oposicao.shtml>>. Acesso em: 11 mar. 2019.

SINGER, André. Apoio a diretas amplia peso político do jornal. **Folha Online**, São Paulo. Disponível em: <[https://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/tempos\\_cruciais-03.shtml](https://www1.folha.uol.com.br/folha/80anos/tempos_cruciais-03.shtml)>. Acesso em: 22 mar. 2019.

TEIXEIRA, Paulo César. A fábrica de escândalos. **Extra Classe**, Porto Alegre, 2 out. 2002. Disponível em: <<https://www.extraclasse.org.br/geral/2002/10/a-fabrica-de-escandalos/>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

THOMPSON, John Brookshire. **Ideologia e Cultura Moderna**. Petrópolis: Vozes, 1995.

VASQUES, Lucas. Beatriz Kushnir: Na ditadura, quem combatia a censura era a imprensa alternativa; hoje é a blogosfera. **Revista Fórum**, Porto Alegre, 22 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.revistaforum.com.br/beatriz-kushnir-na-ditadura-quem-combatia-a-censura-era-a-imprensa-alternativa-hoje-e-a-blogosfera/>>. Acesso em: 17 mar. 2019.